

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Setembro de 2016

Dostoiévski,
o intérprete da alma russa

Shakespeare:
o legado de 400 anos

Suplemento Literário,
uma ousadia mineira

E MAIS:

A morte do Rio Doce, crônica, poesia

16

SUMÁRIO

CAPA



Doce cozinha de Minas

"Foi a partir da fome dos primeiros tempos que formou-se em Minas essa cozinha típica, com tamanha diversidade de pratos: feita com indescritível criatividade, temperada com sabedoria e toques de magia."

A lição é de Dona Lucinha, que se qualifica apenas como "uma cozinheira que se dedica a fazer, compreender e preservar a cozinha de origem" e lembra que em Minas "muitos morriam de fome com as mãos cheias de ouro".

A despeito de ter nascido da fome, essa cozinha deixou-nos um rico legado, que deve ser creditado "às mãos vermelhas, às mãos negras, às mãos brancas que levaram panelas e tachos ao fogo e, juntas, mexeram delícias".

Embora mais conhecida pelos pratos quentes e salgados, a cozinha de Minas é riquíssima também pelo legado de doces, em especial os que se originam nos ovos, no leite e nas frutas. Afinal, os primeiros bandeirantes que por aqui chegaram "tomavam mel, comiam frutas", seguindo o que já faziam os indígenas nativos. A pitada de requinte chegou junto com a Corte portuguesa e as exigências dos gostos mais sofisticados das damas.

Hoje, embora algumas regiões se destaquem pelo doce artesanal e mesmo o industrial, é possível encontrar traços da doceria tradicional em praticamente todos os recantos do estado. A técnica do doce em calda, as compotas, que ilustra nossa capa, é uma das mais disseminadas.

Fonte: *História da arte da cozinha mineira por Dona Lucinha*, de autoria dela e da filha Márcia Clementino Nunes, historiadora estudiosa da cultura culinária mineira.



Foto: Sérgio Falci

CRÔNICA

Melancolia

Bruno Terra Dias

4



LITERATURA

Do silêncio na Praça de Armas à explosão literária após degredo

Gutemberg da Mota e Silva

6



HOMENAGEM ESPECIAL

Suplemento Literário, uma ousadia mineira

Manoel Marcos Guimarães

14



POESIA

Eclipse

Fernando Armando Ribeiro

19



Porque tudo tem seu fim

Renato César Jardim

20



Réquiem para o Rio Doce

Llewellyn Medina

21



Três poemas

João Quintino Silva

22



Ponta d'areia

Luis Carlos Gambogi

23



LITERATURA

O legado de Shakespeare

Rogério Medeiros Garcia de Lima

24



EDITORIAL

Intérpretes da alma

Muitas vezes em nossa faina diária de analisar e julgar, somos levados a tentar interpretar o que está por trás do texto frio dos processos, para chegar a decisões que contemplem efetiva-mente a busca da justiça. Resumidamente: é preciso entender a alma das pessoas envolvidas, para além do que está contido nos processos. Nem sempre isso é possível, é claro.

A capacidade de interpretar a alma das pessoas, com profundidade, costuma estar presente na sensibilidade de grandes autores, cujas obras atravessam séculos e permanecem atuais, exatamente por nos trazerem reflexões quase definitivas sobre a natureza humana, inclusive sobre seu lado mais sombrio.

Dois desses grandes intérpretes da alma humana, talvez os maiores da história universal da literatura, são objeto de artigos de nossos magistrados colaboradores: Fiódor Dostoiévski e William Shakespeare. Em ambos, revelam os estudos que publicamos, a força literária esteve sempre ligada à capacidade de perscrutar os

escaninhos da mente e da alma humanas, transpondo suas observações para seus personagens.

Capacidade similar está presente também na obra de outro escritor que é assunto desta edição, o mineiro Murilo Rubião, que completaria 100 anos agora em setembro e aqui comparece como personagem da homenagem que prestamos aos 50 anos do Suplemento Literário do 'Minas Gerais', criado por ele.

Como sempre, nossa *MagisCultura* traz ainda crônicas e poemas de magistrados de várias regiões do estado.

Boa leitura!



Maurício Soares
Presidente

Errata Revista nº 15

Osman Lins

O ano correto do lançamento de *A rainha dos cárceres da Grécia* é 1976 e não 1969, como publicado na *MagisCultura* 15 (fls 52).

MagisCultura

Mineira

Amagis - Diretoria Triênio 2016-2018

Presidente: Desembargador Maurício Torres Soares

Vice-presidente Administrativa: Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro

Vice-presidente Financeiro: Desembargador Alberto Diniz Junior

Vice-presidente de Saúde: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente do Interior: Juiz Antônio Carlos Parreira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Ricardo Torres Oliveira

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Juiz José Martinho Nunes Coelho

Diretor-secretário: Juiz Christyano Lucas Generoso

Subdiretora-secretária: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano
• **Editor Responsável:** Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

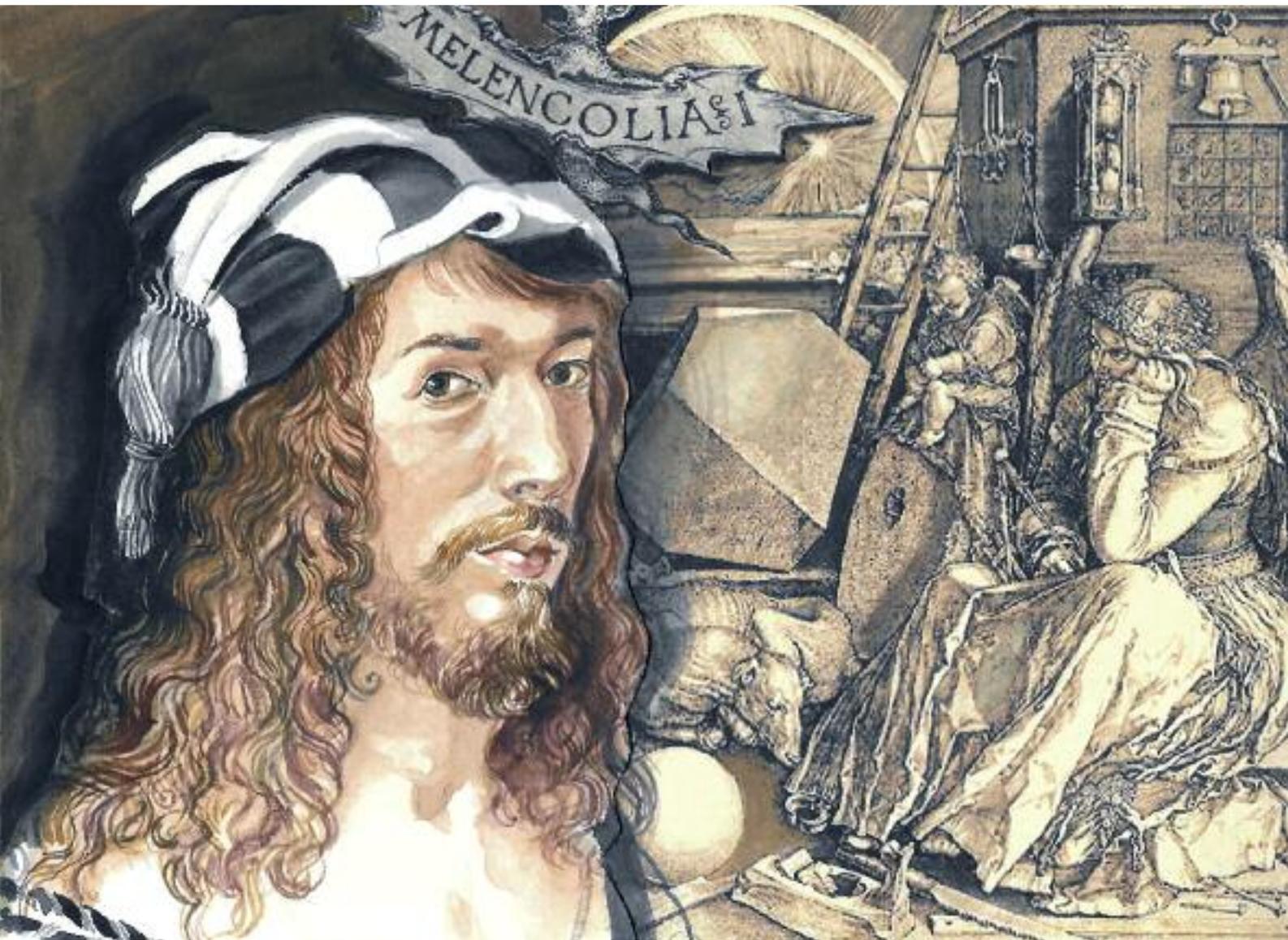
Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (rachel@belohorizonte.com)

Ilustrações: Sandra Bianchi

Impressão: Rona Editora

Tiragem: 3.500 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



Melancolia

Bruno Terra Dias
Juiz de Direito em BH

Dürer talvez seja quem melhor transmitiu, por criação em gravura, o sentimento, o estado de espírito, de alguém mergulhado em melancolia. Imagem repleta de significados. Certos noturnos despertam sensações semelhantes, e talvez Chopin não tenha desejado que esse efeito se produzisse em alguém cuja aspiração era algum tipo de fertilidade, busca por calor. Deveria ser possível inspirar profundamente, após esgotar energias em uma obra que comportasse o símbolo de uma vida. Entretanto, tudo parece evitar o eterno jogo de luzes e cores que se alternam entre noites e dias, como se outonos roubassem primaveras.

Há um sino, cuja corda pende, ao lado de uma lanterna apagada, um som que não vem, sob a luz de olhos cegos, acostumados à mesma disposição de objetos, embora já não haja vida. Uma balança de pesar consciências está fixada logo abaixo da cornija. Nenhuma alma passa por ali. Os pratos da balança estão imóveis há muito tempo, como um fogo que não queima e a mudez do sino. O fundo, cinza ensombreado, reforça a impressão de derrelição; a pintura sacrificada; fios de água da chuva, deixados como registro de passagens imemorais, marcaram a parede e o limo tomou conta da parte baixa, chegando quase à altura da janela, em alguns locais, irregularmente, ao sabor do dinamismo e veemência de uma rica mitologia de renovação da vida.

Uma escada, postada ao canto, despojada de refinamento, displicente, dá acesso ao topo, onde se pode encontrar tudo o que os passos terrenos buscam; no entanto, está vazia; sua madeira não registra sinais de apodrecimento; não desperta vontades ou curiosidades. Descer pode ser mais fácil, não melhor. Um cachorro, a meio passo de dois anjos, deitado como é próprio aos abandonados fazer, à semelhança de estar enrolado sobre si mesmo, recordando a posição de aconchego da ninhada ao ventre do inferno onde matou seus irmãos. Olhos ao chão, encostando o focinho na poeira acumulada, incapaz de ensejar um sorriso em seu dono, que ali não estava. Cachorro defeituoso de caráter, sem alegria, sem viço, solitário.

O que haveria sobre aquele telhado? Calhas entupidas de folhas acumuladas desde a construção? Um tempo que se perde, modorrento, impassível, ornando de corrupção tudo que se pretendia eterno. Uma faca suja e enferrujada, de cortar e infeccionar, causar febre e extinguir esperanças, está pousada logo à frente do cachorro, como se seu serrilhado fosse de dentes feitos para perfurar e rasgar. Chão batido, ressecado, tão duro quanto desolado, estéril, impenetrável, impróprio, não há nutrientes à superfície.

Ferramentas de carpinteiro, dispostas aleatoriamente, não sugerem imediatamente que Ele esteve por ali, desde o começo das idades. São Suas, no entanto, embora ninguém reconheça. Podem transformar realidades, se houver humildade e disposição, qualidades raras em pessoas com pressa de obter o que pretendem, sem atenção ao desenvolvimento de habili-

dades, à conquista de méritos e ao que delas se espera. Instrumentos que de nada servem sem o talento, o apuro e a destreza que a natureza sozinha não provê, ou o faz apenas potencialmente.

Um cubo imperfeito, aparado em dois cantos, formando triângulos e não deixando sequer uma face inalterada, tem, mais adiante, a companhia de uma esfera; impedindo o encontro, postando-se deitado a meio caminho, o cachorro. O mesmo animal, sutil Mefistófeles, que se aproximou de Fausto sinuosamente, como a disfarçar seu intento, separa a humanidade da divindade, impõe escolhas, modifica o horizonte do porvir, faz de todos culpados, pois já não há inocência. Impossível deixar de notar a corrosão que se ganha e a possibilidade que se perde, sem denunciar a força da banalidade, do comum, do irrecuperável.

Um vitral adorna a janela, que por fora parece imunda e o interior não permite acessar. Há uma inscrição pouco perceptível, cuja mensagem exige talento para decifrar. Nada de tolo ou insignificante. Percimento da capacidade de entender, não por senectude ou decorrências, entretanto por falta de prática e por indisposição à empreitada. Como um idioma que se perde pela extinção da população falante. Agora restam somente especulações, certezas incautas.

Dois anjos empalidecidos, um que fita o cachorro e outro cujo olhar se perde fora da gravura. Controlar o destino do animal, se não desafia ou importuna alguma alma desavisada, pode ser tarefa do pequeno anjo sentado sobre uma roda, curvado, logo abaixo da balança de dois pratos. Suas pequenas asas ainda serão fortes. Cabelos encaracolados, gordo, quase barroco, o pequeno anjo nada diz, apenas medita com ares de profundidade. Sua vestimenta, pouco mais que farrapos, é o necessário, despojada de tudo, como o ar de sua inflexão.

Outro anjo, maior, com o cotovelo sustentado sobre o joelho, enquanto a mão ampara o rosto, cabelos revoltos, vestimenta apumada em gosto, escreve. Suas asas, grandes e em prontidão, formam um arco invertido sob a janela, a lanterna e o sino; elas sustentam o peso enorme e contrastante da justiça dos homens em face da ordem de Deus. Seu olhar é dirigido para além do que alcança o mero admirador da arte. É preciso mais que simples respeito e estima, pela obra ou pelo autor, para caminhar pela trilha assim rasgada ao indeterminado, símbolo do infinito.

Êxtase de inspiração, meditação e recolhimento ao som que o pianista em Paris notabilizou através de peças mestras; música que deve ser ouvida ao frio de junho, dominando a cidade e seus telhados, em noites claras de pleno luar, nas Mangabeiras ou no Mirante. Rara combinação que favorece a expansão de conteúdos que invadem por olhos e ouvidos. Ler escandindo, marcando bem cada frase, palavra ou sílaba definidora de intenção. Chopin, como Dürer, precisava somente de sua arte para expressar contemplação nos momentos cardeais de melancolia criativa.



Do silêncio na Praça de Armas à explosão literária após degredo

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG, aposentado

São Petersburgo, Rússia. Praça de Armas do Regimento Semenóvski, do Exército russo. Manhã de 22 de dezembro de 1849. O escritor Dostoiévski e demais presos políticos acusados de conspiração, nas reuniões do chamado Círculo de Petrachévski, contra o regime do czar Nicolau I, para aqui trazidos, às primeiras horas do dia, da Fortaleza de São Pedro e São Paulo, onde se achavam desde a madrugada de 23 de abril, estão diante de pelotões armados, dos três postes erguidos para o fuzilamento, do patíbulo e de multidão curiosa, aguardando a leitura e a execução da sentença.

A Comissão de Inquérito instalada na Fortaleza – colossal cidadela erguida sobre uma ilha do rio Neva, na então capital da Rússia – não identificara sociedade secreta de propaganda subversiva nas reuniões na casa de Petrachévski. Contudo, revendo o processo, opinara pela culpa dos 28 acusados (depois reduzidos a 23), e um Tribunal, em 16 de novembro, condenara 15 deles à morte por fuzilamento, sete ao degredo na Sibéria, com trabalhos forçados (*kátorga*), e absolvera seis. O czar [título oficial do imperador] mandara os autos à Auditoria Geral, que estabelecera pena de morte para todos, mas sugerira que fosse comutada pela de tais trabalhos.

Os réus vieram, um em cada *fiacre* [carruagem puxada por apenas um cavalo], sem saber de nada. Na praça, à frente deles, segue um pope [sacerdote da religião cristã ortodoxa russa]. Mesmo os que creem em condenação somente aos trabalhos forçados, olham desconfiados para os postes. Ao cadafalso sobem os generais e os réus. O auditor lê a sentença, aponta os crimes e os castigos. Condenado à morte, Dostoiévski comenta com outro, o tenente Nicolau Mombelli, que a pena era excessiva. Este se limitou a apontar a carroça de toldo de lona destinada à remoção dos cadáveres.

O pope faz um sermão e dá a benção divina e a cruz a cada condenado, para beijá-la. Virgínio Santa Rosa descreve: “*Momentos depois, o padre desceu do palanque e os carrascos vieram buscar os condenados. O clarim soou, os tambores ruflaram e o clamor da morte encheu a vastidão da praça. Então Petrachévski, Mombelli e Grigóriev foram amarrados aos postes e os carrascos lhes enterraram capuzes cabeça a baixo. E, defronte deles, armas embaladas, três pelotões se estenderam em linha de tiro.*” (Dostoiévski, um cristão torturado).

Sexto na ordem da execução, o escritor sente que terá “*apenas um minuto de vida*”, diz em carta ao irmão Mikhail (Shahun Usher, em Cartas extraordinárias). Dada a ordem, “*Fogo!*”, não houve tiros, ouvindo-se o silêncio, seguido do toque de retirada. Soldados desamarram os três e tiram os capuzes. Todos merecem a pena de morte, diz o auditor, mas o clemente czar a comutara por degredo e *kátorga* na Sibéria.

Dostoiévski escreveu, segundo Santa Rosa, que tiveram de suportar, por “*minutos terríveis*”, a expectativa da morte. Nesses últimos instantes, “*alguns dentre nós (eu o sei muito bem)*” talvez tenham se arrependido de “*algumas faltas graves que haviam cometido (aquelas que em todo homem, durante toda a vida, pesam-lhe no segredo da consciência)*”, mas o ato e as ideias pelos quais os castigavam não exigiam arrependimento. Anos depois, à esposa: “*Não me lembro de dia mais feliz na minha vida.*”

O escritor russo Vladimir Nabokov [*Lolita*] afirmou que “*um daqueles homens enlouqueceu*” [o tenente Nicolai Grigóriev] e que aqueles eventos “*deixaram uma profunda cicatriz na alma de Dostoiévski, causando um trauma do qual nunca se recuperou.*” (*Lições de literatura russa*).

Se morresse aos 28 anos quem se tornaria um dos maiores escritores da literatura russa e universal, grande estudioso da psicologia e dos aspectos mais sombrios da alma, teríamos apenas romances como *Pobre gente* (1845), *O duplo* (1846) e *Noites brancas* (1848), mas não os da sua explosão literária após 10 anos de degredo na Sibéria: *Recordações da casa dos mortos* (1861), *Humilhados e ofendidos* (1861), *Crime e castigo* (1866), *O idiota* (1868), *Os demônios* (1871), *O adolescente* (1875) e *Os irmãos Karamázov* (1880), além do *Diário de um escritor* (1873-1881).

Pai autoritário, mas responsável

Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasceu em Moscou, em 30 de outubro de 1821, num pavilhão do Hospital Marínski, para indigentes. De família pobre, não pertencente à pequena nobreza rural, como outros grandes autores russos do século XIX [Tolstói, Gógol, Púchkin], era filho de cirurgião do hospital, o major Mikhail Andreievitch Dostoiévski, e de Maria Fiódorovna Netcháiev, filha de comerciante moscovita.

A família morava num apartamento contíguo ao hospital. Quando o ocupou, Maria já tivera Mikhail e esperava Fiódor. Deram-lhe ama de leite, Aliona Frolovna. Com ela, diz Santa Rosa, “*o povo russo entrou em sua vida, para alimentá-lo (...) acalantar-lhe o sono e a infância com velhas canções folclóricas, com histórias milenárias.*”

Espaço doméstico exíguo, os dois dormiam num cômodo sem janelas, separado da antessala por biombo. Temendo morrer dormindo, Fiódor pedia aos irmãos que, se tal ocorresse, só o enterrassem após cinco dias. Deviam agir como adultos, quase não tinham liberdade para brincar. Do jardim, separado do pátio por gradil, Fiódor espreitava aquele mundo misterioso e fazia perguntas aos internos.

“ Não se deveria julgar o povo russo por suas infâmias, ‘mas pelas coisas grandes e sagradas pelas quais, do fundo de sua ignorância, ele não cessa de suspirar...’ ”

Autoritário, irritadiço, o pai reprimia as travessuras com destempero. Às vezes, esmurrava a mesa, saía da sala furioso, batia a porta. Ensinava-lhes Latim. Se algum titubeasse num verbo ou declinação, “*a casa vinha abaixo*”, diz Santa Rosa. Ameaçava Fiódor de terminar “*de gorro vermelho*”, soldado do czar. [Curiosamente, além da prisão, ele teve de servir como soldado raso na Sibéria].

Tinham professores em casa, em que a leitura da Bíblia era diária. Ensinavam aos irmãos mais novos (Andrei, Nikolai, Várvara, Vera e Aleksandra). Somente em 1833 saíram para estudar. Em sua monumental biografia, Dostoiévski, título geral, em cinco volumes, Joseph Frank diz que, “*irascível, neurastênico*”, o pai “*tiranizava a mulher e os filhos*”. Tinha muitos defeitos, mas, “*marido fiel, pai responsável, cristão devoto*”, era dedicado e competente, tanto que lhe ofertaram boa promoção para não se aposentar, “*o que torna muito duvidosa a repetida afirmação de que ele era um notório alcoólatra*”.

Ama de leite bondosa, pais mortos

Nos verões em Darovóie, distante umas 150 verstas [antiga medida russa de distância, a versta equivalia a 1,067km], brincava livremente no campo com os filhos dos *mujiques* [camponeses russos] e a estes “ajudava” nas tarefas. Esse convívio amainou no menino a diferença de classes da Rússia e modelou suas futuras ideias sociais.

Em 1833, incêndio em Darovóie destruiu a *dacha* [casa de campo], choupanas, granjas, colheitas. Deu-se, então, um fato nunca olvidado: como ajuda, sua ama de leite ofertou à sua mãe 500 rublos, poupança de anos de trabalho e pobreza. Assim, não se deveria julgar o povo russo por suas infâmias, “*mas pelas coisas grandes e sagradas pelas quais, do fundo de sua ignorância, ele não cessa de suspirar...*”

Sua mãe faleceu de tuberculose em 27 de fevereiro de 1837, aos 37 anos. Dostoiévski tinha 17 anos quando o pai morreu, em junho de 1839, em Darovóie. Segundo a maioria dos estudiosos, foi assassinado pelos servos, revoltados com seu despotismo. Há, contudo, versão bem mais recente apontando como causa da morte um ataque de apoplexia, o que, se correta, afastaria o homicídio, hipótese muito difundida na época e que teria sido encampada pelos Dostoiévski porque melhor protegeria os interesses da família. [O pai de Tolstói (*Guerra e paz*) foi assassinado, em 1838. Ele tinha oito anos].

Do Exército para a literatura

Para entrar na Academia de Engenharia Militar, trocou a Moscou dos mosteiros, sinos, igrejas e procissões, pela São Petersburgo [*Leningrado*, no regime soviético] dos pesados edifícios do governo e imensas paradas militares. Fundada nos pântanos finlandeses por Pedro, o Grande, que “*abriu uma janela para a Europa*”, celebrou-a o maior poeta russo, Púchkin [morto em 29 de janeiro de 1837, aos 37 anos, em duelo com concunhado, fruto do ciúme que tinha de sua bela esposa].

Reprovado no exame de saúde, Mikhail foi para um anexo. Fiódor ficou só, desamparado, triste. Brincadeiras brutais dos colegas e hipersensibilidade o afastaram do convívio. Escrevia muito ao irmão. Falava de literatura e da sovinice do pai, que raramente atendia a seus vários pedidos de dinheiro, para não

morrer de fome e frio - exagerava.

Após três anos na Academia, Dostoiévski, sem recursos, demitiu-se do Exército em 1844 e escreveu *Pobre gente*. Impressionado, o romancista Grigoróvitch levou o manuscrito ao editor e poeta Negrássov. Os dois, diz Frank, “derramaram-se em lágrimas pela triste situação dos personagens” e correram à casa do escritor, na madrugada de “uma das ‘noites brancas’ da primavera de São Petersburgo – para falar de sua emoção”. De manhã, levou-o a Belínski.

Maior crítico literário russo da época, Vissarion Belínski o acolheu “com a mesma emoção e manifestou o mesmo entusiasmo”, considerando gênio o autor. No entanto, no fim de sua curta vida de 37 anos [morreu em 25 de agosto de 1848], o crítico mudaria de opinião, dizendo que agira então “como um burro chapado” [ainda não existiam seus grandes romances].

Círculos esquerdistas e secretos

Na Petersburgo dos anos 1840, intelectuais se reuniam semanalmente para discutir temas culturais e políticos. Eram os chamados círculos, um deles a Plêiade de Belínski. Dostoiévski a integrou, mas se desentendeu com ele e outros pelas críticas a seu segundo romance, *O duplo*. Sua enorme vaidade, aguçada pelos elogios ao primeiro livro, levou-o a ser ridicularizado no meio literário. Outro, o do excêntrico socialista Mikhail Butachévitch-Petrachévski.

Relata Rosamund Bartlett que Dostoiévski era um dos “membros de um grupo da intelligentsia esquerdistas chamado de Círculo de Petrachévski, empenhados (...) na luta em nome de liberdades políticas e de direitos civis e cujo crime era organizar reuniões nas noites de sexta-feira” para o debate de “temas incendiários”, como socialismo e abolição da servidão e da censura (*Tolstói: a biografia*). Diz Frank que era notória “a apaixonada intensidade com que se pronunciava quando o assunto eram os problemas da servidão” e “os maus-tratos aplicados ao campesinato escravizado”.

Em 1847 tais reuniões não preocupavam o czar, que até desejava transformar os servos em arrendatários. Mas o quadro mudou com as revoluções de 1848 na Europa Ocidental – o avanço das ideias liberais e os novos direitos do povo abalaram as velhas nações e seus monarcas absolutos. Aumentou o afluxo de pessoas ao Círculo de Petrachévski. Uma delas, o radical Nicolai Spechniev, criou uma sociedade secreta, da qual Dostoiévski “já participava desde janeiro” de 1848, pelo menos, diz Frank, e aceitara “a responsabilidade de recrutar outros membros”. Acrescenta que “Dostoiévski, como membro da sociedade secreta, dedicou-se à atividade conspiratória durante todo esse período.”

O escritor não estava na última reunião do Círculo, em 22 de abril de 1849. Seus frequentadores foram presos na madrugada seguinte, sendo ele acordado em sua casa às 4:00h. Estivera, porém, na penúltima, dia 15, lendo em voz alta, e mandando copiá-la, a famosa carta que Belínski escrevera em 1847 a Gógol, com enérgica denúncia da servidão. Para Frank, “pesou muito contra ele” a prova de que estava envolvido ativamente em fazer circular a carta.

“Fiódor ficou só,
desamparado, triste.
Brincadeiras brutais
dos colegas e
hipersensibilidade o
afastaram do convívio.”

Da farsa ao degredo na Sibéria

No mesmo dia da farsa, em casa da Av. Niévski, a principal de Petersburgo, escreveu a Mikhail, dizendo-lhe que, na iminência de morrer, lembrando-se somente dele, viu o quanto o amava. E o consola: *"Irmão! Não estou desanimado (...). A vida é a vida em toda a parte, a vida está em nós, não no que está fora de nós."* Lamenta o tempo perdido *"com ilusões, erros, ociosidade, não lhe dando o devido valor."* *"Cada minuto poderia ter sido um tempo de felicidade (...). Bom, adeus, adeus, irmão! (...). Não chores, eu te peço, não chores por mim!"* (Cartas). Deram-lhes 30 minutos para a despedida.

Agrilhado à meia-noite do Natal de 1849, partiu na cauda de um carro do Correio, em trenó sem capota, no frio glacial do inverno russo. Usava casaco de pele de carneiro e botas forradas de feltro. Os grilhões pesavam 10 libras [cerca de 4,5 quilos].

Sentia *"um desespero atroz"*, disse em carta a Mikhail, citada por Frank, mas o ar fresco o reanimara. Então, observou a cidade *"enquanto passávamos pelos prédios festivamente iluminados, dizendo adeus a cada um deles (...). a casa de Kraievski [editor] estava toda iluminada. Você me tinha dito que as crianças"* [os filhos de Mikhail] foram *"para lá com [a mãe] Emília Fiódorovna, e ao ver a casa senti enorme tristeza"*. Era como se despedir delas. *"Quantas vezes pensei nelas, anos depois, com lágrimas nos olhos!"*

Os degredados atravessaram desertos, povoados esparsos. Em Perm, à noite, a temperatura era de 40 graus negativos. Na travessia dos montes Urais houve uma tempestade de neve. Os trenós e os cavalos atolaram na nevasca. Era noite (...) *"Ao redor de nós havia a nevasca, a fronteira; adiante, a Sibéria e o mistério do futuro; atrás de nós deixamos o nosso passado. Era triste. Eu chorei!"*

Em 11 de janeiro de 1850 chegaram ao presídio de Tobolsk [antiga capital da Sibéria], para descanso. Seu dinheiro foi confiscado, mas tiveram piedosa acolhida das mulheres e viúvas dos dezembristas, ou decabristas, liberais e militares que em 1825 se rebelaram em vão contra a nomeação de Nicolau I sucessor de Alexandre I. Elas haviam deixado tudo para acompanhá-los ao exílio na Sibéria. Deram-lhes cobertores, víveres, dinheiro. Com 10 rublos escondidos na capa, Natália Fonvítzina deu a Dostoiévski o Novo Testamento, seu único livro no início do exílio.

Um presídio nos confins da Sibéria

Chegaram a Omsk em 23 de janeiro de 1850. Nos confins da Sibéria, numa fortaleza, o presídio era vasto pátio rodeado por paliçada, cerca formada por 1.150 estacas altas, cravadas no solo, interligadas e cortadas em ponta no topo [com elas, contava os dias]. Havia prédios como o hospital e a cozinha. As casernas ficavam em dois barracões, com 250 forçados (*katórnjniks*), divididos em seis camaratas [dormitórios coletivos com as camas, tábuas nuas com um só travesseiro].

A morte precoce dos dois filhos

Dos quatro filhos, dois morreram cedo. Sófia nasceu em Genebra, em 5 de março de 1868, e faleceu três meses depois. Segundo Grossman, Ana escreveu que o marido *"chorava e soluçava como uma mulher"*. Em 26 de setembro de 1869, em Dresden, nasceu Liubóv Fiódorovna Dostoiévskaja, escritora. Fiódor nasceu em Petersburgo em 16 de julho de 1871. Aleksiêi (Aliocha), em 10 de agosto de 1875, em Stáraia Russa. Morreu antes dos três anos, em 16 de maio de 1878, de único e súbito ataque epilético, de 3h10m. Angustiado, ele foi a um convento, no deserto, aconselhar-se com um *stárietz* [monge ancião, guia espiritual]. Em *Os irmãos*, mãe que perdera um filho busca consolo com o *stárietz* Zossima.

O meio do pátio formava uma praça, ampla e nua, usada para as três chamadas diárias. O espaço entre as construções e a cerca era buscado pelos que careciam muito de isolamento, como ele. Ao sair, lamentou a promiscuidade.

No presídio, conheceu melhor a alma russa

Ao chegar, o temível comandante, major Krivtsov, mandou raspar sua cabeça e a de Dúrov, outro condenado, afirmando que, à menor infração, seriam punidos com chicotadas ou varadas. Passaram a conviver *"com pulgas, piolhos, baratas aos montes"*, comida sofrível, e com presos comuns - *"assassinos acidentais e profissionais, malandrins e chefes de quadrilha, gatunos, vadios, cavalheiros de indústria, salteadores e carteiristas."* (Recordações).

Leonid Grossman anota que na lista dos criminosos políticos de Omsk, de 19 de junho de 1850, consta que o ex-primeiro-tenente, 28 anos, 1,68m de altura, religião greco-ortodoxa, tinha *"compleição: robusta"* e estes *"sinais externos e defeitos: rosto liso, olhos cinzentos, nariz comum, cabelos louros claros, na testa, por cima da sobrancelha esquerda, uma pequena cicatriz"*. Mais: *"Ofício e alfabetização: operário braçal; conhece o alfabeto."*

Cumpriam a *kátorga* no presídio, limpando sujeira, varrendo a neve dos edifícios, ou calafetando ou desmontando velhos barcos do Estado no rio Irtych, onde ele contemplava amplamente o céu e a vastidão das estepes congeladas, haurindo enorme sensação de liberdade. Gostavam de ir trabalhar a pé, pois os viam os moradores de Omsk. Solidários com os *"infelizes"*, davam-lhes esmolas. Ele nunca se esqueceu da moeda recebida de uma menina de 10 anos, a pedido da mãe: *"Tome, pobre infeliz. Aceite por amor de Deus este copeque"* [um centésimo de rublo]. Guardada *"como um tesouro"*, ficou pesaroso ao perdê-la anos depois.

Seu convívio com os presos camponeses, que hostilizavam a aristocracia, os das classes superiores, acabou por mudar sua opinião desfavorável, a de que eram trabalhadores incompetentes e desleixados, e fê-lo compreender melhor a alma e o lado positivo do povo russo.

Liberdade, soldado raso e barão amigo

Sairia no inverno. “Com quanta impaciência aguardei esse Inverno, ... vi o Verão morrer, as folhas amarelecerem nas árvores, a erva secar na estepe! Mas o Verão terminou, finalmente, o vento outonal começou a gemer, caiu a primeira neve... Chegara aquele Inverno tão longamente esperado”. Ele e Dúrov saíram em 15 de fevereiro de 1854, ou em data bem próxima. Antes, revira a paliçada. Quantos milhares de vezes passara por aqueles postes! “Revi-me a contar por milhares os dias que me faltavam. Senhor, quanto tempo!”

Na despedida, muitas mãos calejadas se estenderam para ele cordialmente, mas os que lhe apertaram a mão “como camaradas não foram muitos”. Alguns lhe deram as costas. Caíram os ferros das grillhetas. Era a liberdade, “a ressurreição de entre os mortos!... Que inefável momento!”

Para a segunda parte da pena, servir como soldado raso no 7º Batalhão, foi para Semipalatinsk [“meio cidade, meio aldeia”, dizia um novo amigo, o barão Aleksandr legórovitch Wrangel]. Tinha ínfimo soldo, dormia em cama de tábuas. Carente de tudo, recorreu à caridade alheia. Pior foi integrar fileira de um corredor polonês para vergastar um condenado [se batesse devagar receberia a mesma punição].

Escreve a Mikhail, pedindo ajuda e livros, também proibidos ali. Pede empréstimos a amigos e ajuda para ascender na carreira. Suboficial em 1855, tornou-se oficial em 1857, fruto do perdão do czar Alexandre II [sucessor do pai, Nicolau I, falecido em 1855].

Diante de sua penúria, foi benfeitora a chegada à cidade, em 20 de novembro de 1854, do novo promotor, o barão Wrangel, 22 anos. Ele estava naquela ávida multidão da Praça Semenóvski, lera Pobre gente e torcia pelos petrachevsky. Pelo barão, Mikhail mandara dinheiro, encomendas, cartas. Temeu chamado do promotor criminal, mas, tudo esclarecido, iniciaram grande amizade, bem proveitosa para ele, então com 33 anos.

Dostoiévski alugou casinha longe da caserna. Filha da senhoria, a “governanta” (viúva, bonita, 22 anos), achava-o muito atraente. Wrangel se recorda do dia em que tomava chá com o amigo fora da casa “quando, sem nenhuma cerimônia”, ela se juntou a eles, vestindo “apenas um avental amarrado na cintura por

uma fita vermelha, e nada mais”, diz Frank, comentando: “É difícil não pensar que Dostoiévski, depois de quatro anos de presidio, resistisse a tirar partido de encantos femininos tão disponíveis”.

Ataque epilético na lua de mel

Começou a ser notado em Semipalatinsk. Virou preceptor. Conheceu o professor Aleksandr Ivanovitch Issaiev, tísico, desempregado, alcoólatra, e a mulher, Maria Dmítrievna Issaieva – ele, diz Frank, “um daqueles incorrigíveis e simpáticos beberões russos” que ele já retratara, ela, 30 anos, “loura, muito bonita (...), magra.”

Tornou-se amigo dos Issaiev e preceptor do filho, Pável (Pacha). Demorava-se na casa deles, ajudava nas despesas, procurava emprego para o marido, interessado na mulher, “o primeiro grande amor de sua vida”, diz Frank. Por isso, detestou quando Issaiev obteve emprego em Kuznetsk, aldeiazinha perdida na imensidão das estepes. Apesar disso, com recurso emprestado pelo barão, pagou a mudança do casal.

Os dois amigos os acompanharam na primeira etapa da viagem [costume russo], passando antes pela dacha do barão, que, diz Frank, “encheu de champagne o Sr. Issaiev (que, é claro, não recusou) até que ele caiu num estado de torpor alcoólico; depois, colocou-o em outra carruagem para que o casal de apaixonados pudesse dispor de alguns momentos de intimidade antes da separação.” [Issaiev morreu em 1855, em Kuznetsk, deixando Maria só, doente e sem recursos].

Dostoiévski se casou com a viúva em 7 de fevereiro de 1857, em Kuznetsk, e voltou a Semipalatinsk. Em carta a Mikhail, diz que na volta visitava amigos “e aí aconteceu um desastre: de maneira totalmente inesperada, tive um ataque epilético que deixou minha mulher apavorada e me encheu de tristeza e desânimo”. Só então ficou ciente da verdadeira natureza da doença, “epilepsia genuína”, não simples “crises nervosas”.

Maria chegou doente à cidade. Com dois anos de casado, ele já confidenciava ao barão que o casamento fora um erro e que aceitara “o fardo” de cuidar de uma família. Já Maria se sentia traída, por ter de suportar os horrendos ataques da doença, não conhecida antes, e por ele não cumprir a promessa de recuperar sua fama literária.

Retornou a Petersburgo em dezembro de 1859, fechando o ciclo siberiano, de 10 anos. Trouxe duas novelas, escreveu nas revistas *Tempo* (1861 a 1863) e *Época* (1864 a 1865), dirigidas por Mikhail e por ambos editadas. Publicou *Humilhados, Recordações e Memórias do Subsolo* (1864). [Em 19 de fevereiro de 1861 viu o czar Alexandre II extinguir a servidão].

Infeliz no jogo e no amor

Em 1862, casado, viajou à Europa Ocidental com a escritora Apollinária Súslova, que era sua amante mas se esquivava de sexo. Tradutor de *Um (sic) jogador, Boris Schnaiderman, diz que Súslova se uniu ao “espanhol por quem se apaixonara enquanto esperava o escritor em Paris, onde haviam combinado encontrar-se. Frustrado o novo romance, isso não a impediu de viajar com Dostoiévski pela Itália e Alemanha, onde ele se entregou desbragadamente ao jogo”.*

Questão principal: a existência de Deus

A ideia de Deus foi cerne de sua vida e obra. Ao posfaciar *Os irmãos*, seu tradutor, Paulo Bezerra, esclarece que a frase “Se não existe Deus nem imortalidade da alma, tudo é permitido”, atribuída a Ivan Karamázov, “nunca foi pronunciada por Ivan, mas deduzida de seu pensamento por outras personagens do romance”. Em carta citada por Grossman, Dostoiévski planejou que, no seu último romance, a questão principal a tratar seria a mesma com que se torturou, conscientemente ou não, a vida toda: a existência de Deus. [O tema dominante de *Os irmãos*, que não teve a continuação prevista, é o parricídio. O próprio escritor teria desejado a morte do pai, de olho na herança, sentindo remorso pelo resto da vida].

Dostoiévski e Tolstói: rivais que se amavam

Rivais, contemporâneos, Dostoiévski e Tolstói nunca se encontraram. Estiveram na mesma conferência em 1878, mas Tolstói havia pedido para não ser apresentado a ninguém. Ana relata que ele lamentou o desencontro, diz Frank, revelando que confessara ao poeta e amigo Soloviov invejar Tolstói não pela grandeza da obra, mas porque – pobre, ao contrário deste, abastado proprietário rural – nunca teve as mesmas condições para escrever, sempre endividado e premido pelos prazos de entrega dos manuscritos. Era *“doloroso trabalhar sempre com pressa [...] toda a minha vida!”*. Já Tolstói, *“garantido materialmente, nunca precisa se preocupar com o dia seguinte, pode polir cada uma de suas palavras”*.

Tolstói também lamentou o desencontro e negou a rivalidade. No artigo *“Três discursos em memória de Dostoiévski”*, o filósofo Vladímir Soloviov conta que, em carta a crítico amigo de Dostoiévski, Tolstói disse: *“Eu nunca me encontrei com esse homem, nunca tive relações diretas com ele; mas, de repente, quando ele faleceu, compreendi que para mim ele era a pessoa mais próxima, querida e necessária. E nunca me veio à cabeça a ideia de medir-me com ele, nunca (...) eu o considerava um amigo [...] E de repente leio: faleceu. (...) e então chorei e continuo chorando.”* Dias antes, em outra carta, Tolstói conta que relera *Recordações*, *“livro bom e edificante. Ontem tive por isso um dia muito agradável como há muito não tinha. Se encontrar Dostoiévski, diga-lhe que eu o amo.”*

Maria morreu de tuberculose em 15 de abril de 1864, em Moscou. Mikhail, que lançara a revista *Época* em 21 de março de 1864, morreu pouco depois, em 10 de julho de 1864. Embora em difícil situação financeira e já provendo o exigente Pacha, assumiu as dívidas da *Época* e o sustento da viúva e filhos do irmão.

Uma esposa para sempre

No início de outubro de 1866, escrevendo *Crime e castigo* [história de um estudante, Raskólnikov, que mata a machadada velha usurária, para roubá-la, e a irmã], não tinha como cumprir contrato lesivo com o inescrupuloso editor Stielóvski, pelo qual lhe entregaria um romance até 1º de novembro de 1866, sob pena de multa e perda de direitos autorais.

Amigos escritores propuseram escrever, cada um, parte do romance. Discordou. Sugeriram que o ditasse. Aceitou. Indicada, Ana Grigórievna [jovem estenógrafa, admiradora de suas obras] fez contato com o escritor em 4 de outubro de 1866 e, já partir do dia 5, das 12 às 16h, ele ditava, ela anotava, passando a limpo na manhã seguinte. Terminaram *O jogador* em 26 dias. Escondido o editor, o manuscrito foi entregue ao Comissário de Polícia às 22h do último dia.

Envelhecido, endividado, doente [epilepsia, enfisema, neurastenia, hemorróidas], rejeitado por três mulheres às quais propusera casamento, entre elas Súslova, o episódio foi uma benção para ele, pois conheceu Ana, confiou-lhe, até para mantê-la próxima, a taquigrafia do final de *Crime*, e se casou em 15 de fevereiro de 1867, em Petersburgo.

Ana Grigórievna Dostoiévskáia, 20 anos mais nova, foi sua companheira até o fim da vida, ajudando-o na gestão e edição própria dos livros, a enfrentar os credores, os pedidos de dinheiro da família dele, suportando o gênio difícil, as explosões neuróticas, os horríveis ataques de epilepsia, o vício do jogo, o ciúme excessivo [sofria até quando, nos saraus, cavalheiros beijavam a mão dela].

Na Europa, fugindo dos credores

Para fugir dos credores, que poderiam levá-lo à prisão, Dostoiévski viajou com Ana para a Europa Ocidental em 14 de abril de 1867. Morou quatro anos em diferentes cidades e países. Além de escrever, ia a concertos, museus e cassinos. Jogava muito [roleta], mas só no exterior. Empenhava até sua roupa e relógio, e brincos de Ana, para sustentar o vício. Jogava, perdia, prometia parar, voltava a jogar, às vezes com o dinheiro dela, e a perder. Um dia, cumpriu a promessa.

Retornou a Petersburgo em julho de 1871. Em 1873, premido pela necessidade, tornou-se redator-chefe do *Grajdánin* [*O Cidadão*], porta-voz da direita czarista, nele publicando a coluna *Diário de um escritor*. Muito criticado, dada a vinculação política do órgão, demitiu-se do periódico.

“O homem mais bondoso da Rússia”

Embora suas finanças melhorassem nos últimos anos, ainda precisava trabalhar muito. Em 1875, tinha modesto estúdio em casa [morou alguns períodos na dacha de Stáraia Russa]. Na mesa, tabaco, papel de cigarro. Escrevia a noite toda.

Dormia até duas da tarde. Tomava chá lendo os jornais, fazendo cigarros, fumando. Recebia os que buscavam conselho. Refeição leve às 15h. Bebia copo de vodka com pão preto. Passeava, jantava com a família, voltava ao trabalho.

Numa caminhada, mendigo lhe pediu esmola. Absorto, não deu. Os saciados não acreditam nos famintos, disse o mendigo, agredindo-o na cabeça. Foi preso. Ele não deu queixa. No tribunal, não o inculpa e até lhe deu três rublos, mas o juiz condenou o réu e disse que ele batera "no maior escritor russo e na pessoa mais bondosa da Rússia."

Um dos maiores intérpretes da alma russa

No verão de 1877 passou dois dias na dacha de Darovóie. Os mujiques o saudaram com alegria, convidando-o para o chá. Entrou nas isbás [casas feitas de troncos de árvore], foi a sítios da infância de que se lembrava com carinho e caminhou duas verbas para rever um bosque muito querido, imortalizando-o em Os irmãos, dedicado a Ana.

Nos últimos anos, já renomado, era incensado principalmente pela nova geração e respeitado pelo próprio governo czarista, ao qual, apesar de tudo, apoiava (foi até conselheiro de grão-duques, filhos do czar Alexandre II). Lia textos ou declamava em saraus beneficentes. Num destes, reviveu emocionado a farsa da execução ao ler junto a uma janela voltada para a emblemática Praça Semenóvski.

Em 1880 anotou que o povo russo não o conhecia, mas o conheceria no futuro. No entanto, foi uma apoteose o discurso pronunciado em 8 de junho de 1880, na inauguração do monumento a Púchkin em Moscou [seu testamento literário], e sua morte, meses depois, causou grande comoção no país.

Em 26 de janeiro de 1881 teve hemoptise, que se repetiria até morrer dois dias depois, às 20h38m, aos 59 anos. Havia se confessado e comungado, abençoado os filhos, reafirmado seu amor a Ana e pedido que lesse aquela já ensebada Bíblia recebida a caminho de Omsk, vendo, na passagem aberta, o sinal de que morreria naquele dia. Em 31 de janeiro, em cortejo de mais de um quilômetro, com milhares de pessoas, foi levado – para o Mosteiro Aleksandr Niévski, para o funeral com honras oficiais, e enterro no dia seguinte, no Cemitério Tíkhvinskoie – o corpo do polêmico escritor, líder espiritual e um dos maiores intérpretes da alma russa.

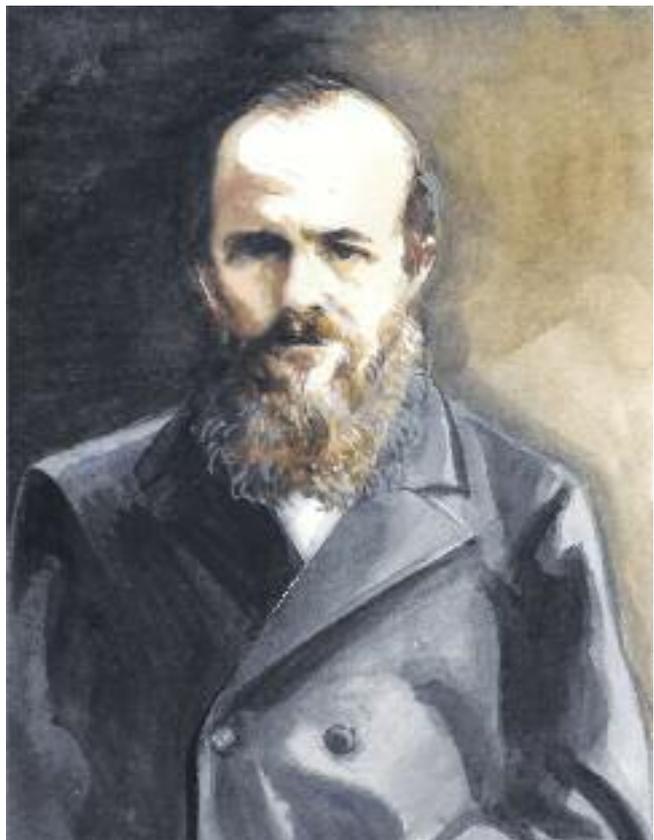
Obras consultadas

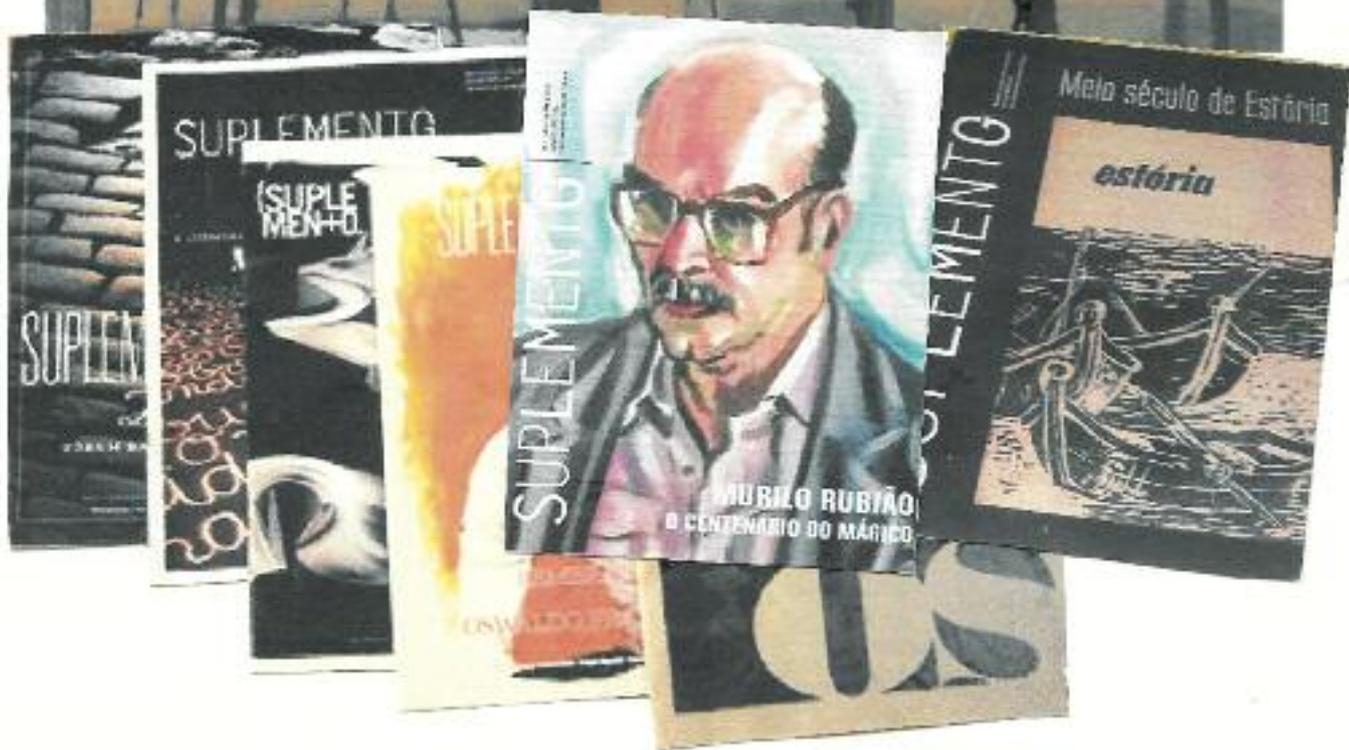
De Dostoiévski:

- *Crime e castigo*, 6ª. ed., São Paulo, Editora 34, 2009;
- *Os irmãos Karamázov*, 2 vols., 3ª. ed., São Paulo, Editora 34, 2012;
- *O idiota*, São Paulo, Ed. Martin Claret, 2004;
- *Um jogador (Apontamentos de um homem moço)*, 3ª. ed., São Paulo, Editora 34, 2011.
- *Recordações da casa dos mortos*, Publicações Europa América (Livro de Bolso), 1972.

Outras:

- Joseph Frank, *Dostoiévski*, Joseph Frank, cinco volumes, todos da Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP): *As sementes da revolta (1821 a 1849)*, 1999; *Os anos de provação (1850 a 1859)*, 1999; *Os efeitos da libertação (1860 a 1865)*, 2002; *Os anos milagrosos (1865 a 1871)*, 2003; *O manto do profeta (1871 a 1881)*, 2007.
- Virgínio Santa Rosa, *Dostoiévski, um cristão torturado*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: INL, 1980.
- Leonid Grossman, *Dostoiévski artista*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967;
- Vladimir Nabokov, *Lições de literatura russa*, São Paulo, Três Estrelas, 2014;
- Vladimir Soloviov, "Três discursos em memória de Dostoiévski", em *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*, org. Bruno Barretto Gomide, São Paulo, Editora 34, 2013;
- *Dostoiévski - Caderno de literatura e cultura russa*, n. 2, org. Arlete Cavaliere e outros, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008.
- *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*, Shaun Usher, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.





Uma ‘ousadia mineira’ em busca da ‘esquiva perfeição’

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

O SL vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província, nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo.

Foi assim que Murilo Rubião definiu, no editorial de apresentação, o que seria o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, que ele lançou em 3 de setembro de 1966 e completa agora, portanto, 50 anos de existência, coincidindo com a data em que o próprio Rubião comemoraria seu centenário de nascimento.

No mesmo texto, ele dizia que o título escolhido para a publicação, na sua simplicidade, continha “o essencial de um programa consciente”, o de “reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida”. E o editorial concluía: O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível.

Passado meio século, é inegável que o Suplemento logrou cumprir o compromisso inaugural, mesmo tendo que superar ao longo de sua história adversidades como a pressão da ditadura militar, que chegou a vetar nomes para sua direção, a incompreensão “da pequenez liliputiana de escribas provincianos” ou o descaso de governos, responsáveis pela sua manutenção.

Ele já não tem mais a circulação semanal dos primeiros tempos, mas continua resistindo em edições bimestrais e guardando, na medida do possível, a fórmula de publicar autores já estabelecidos e abrir espaço, sem preconceitos, para as novas gerações de escritores e para artistas plásticos, sem formar ‘panelinhas’.

A primeira edição

A primeira edição do *Suplemento* já reunia alguns dos mais importantes nomes das artes em Minas e também já publicava autores até então desconhecidos, mas que se tornariam nomes importantes da literatura e das artes do país.

A capa, além do editorial de apresentação, trazia diagramação arrojada, com ilustração de quase meia página do então jovem Álvaro Apocalypse, que viria a se tornar um dos mais expressivos artistas plásticos de Minas, criador do Giramundo – Teatro de Bonecos. Completava a página o poema “O país dos laticínios”, de Bueno de Rivera.

Nas onze páginas internas, mais ficção e artigos e ensaios sobre Godard, artes plásticas, o maestro Arthur Bosmans, o

“O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade.”

poeta Alphonsus de Guimaraens e Machado de Assis, entre outros.

Os autores dessa primeira edição foram Fábio Lucas, João Camilo de Oliveira Torres, Laís Corrêa de Araújo, Paulo Saraiva, Affonso Ávila, Zilah Corrêa de Araújo, Celina Ferreira, Aires da Mata Machado Filho, Libério Neves, Ildeu Brandão, Márcio Sampaio, Flávio Márcio, Luiz Gonzaga Vieira e Eduardo de Paula (ilustração).

O general, um estranho no ninho

Na segunda edição, o jornal publicou a cobertura jornalística do lançamento, registrando, entre outras, a presença do comandante da Região Militar, general Dióscoro do Vale, que seria mais tarde o responsável pelo veto ao nome de Ruy Mourão para substituir Murilo Rubião na direção do próprio *Suplemento* (leia texto de Angelo Oswaldo).

Além do general, estavam na Mesa de honra da solenidade Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Aires da Mata Machado Filho, o secretário de educação Gerson Boson e o ex-diretor da IOFMG, Raul Bernardo Nelson de Senna, de quem Murilo Rubião afirma que foi quem “teve a profícua iniciativa de criar o *Suplemento Literário*”.

O Suplemento e o mágico Rubião

Em julho deste ano, o *Suplemento* comemorou seu próprio cinquentenário e o centenário de nascimento de Murilo Rubião, com uma edição especial totalmente voltada para o primeiro editor. A publicação é intitulada '*Murilo Rubião - O Centenário do Mágico*' e está disponível virtualmente no site www.bibliotecapublica.mg.gov.br.

A edição reproduz o seguinte comentário de Carlos Drummond de Andrade:

Suplementos literários: até dá enjojo falar neles. Que retrato falso costumam oferecer da literatura! Entretanto, têm função importante a executar, no quadro cultural do país. Se não a executam, a culpa é de quem os faz, não da forma jornalística. O SL do Minas põe o jornal a serviço da literatura e das artes, mediador entre a criação e o consumidor, e o faz com dignidade e imaginação. Merece ser lido.

Edições digitalizadas do *Suplemento*, desde o primeiro número até as de 2006, estão disponíveis no site da Faculdade de Letras da UFMG (<http://www.letras.ufmg.br/websuplit>). As versões no formato PDF estão abrigadas no site da Secretaria de Estado da Cultura de MG, que é a responsável pela edição, que ficou durante muito tempo a cargo da Imprensa Oficial de MG. Em 2012, ao completar 120 anos de criação, a Imprensa Oficial fez uma reprodução fac-similar de todas as 18 edições do *Suplemento* em 1966.

Ousadia mineira

Em artigo publicado no jornal O ESTADO DE S. PAULO, em 31 de maio último, o jornalista e escritor mineiro Humberto Werneck afirma que o SL foi uma '*ousadia mineira*' que '*contra ventos e marés, aí incluídas perseguições sob a ditadura*', consolidou-se e tornou-se 'o melhor suplemento literário do final dos anos 1960, só comparável ao que então editava O ESTADO DE S. PAULO'.

Werneck diz que o *Suplemento* '*teria sido coisa muito mais modesta, não fosse a ousadia de Murilo [Rubião], à época funcionário da Imprensa Oficial*'. Ele relata: "*Pediram a ele que recriasse na aridez do Minas Gerais uma página literária que existiu lá bem antes de lá trabalhar Carlos Drummond de Andrade, entre as décadas de 1920 e 1930. Por que não um Suplemento? – contrapropôs Murilo.*"

No artigo citado, Werneck lembra que a proposta foi recebida na praça literária de Belo Horizonte com '*a indiferença, o ceticismo e o desdém que tantas vezes dão corpo ao espírito provinciano*'. Muitos achavam, diz, que '*não haveria grandes nomes com que encher as páginas*'. Não era o que pensava Rubião, que desde o começo '*colocou lado a lado nomes consagrados [...] e o sangue novo*'.

Mas Murilo fez mais do que misturar gerações, segundo Werneck: '*quis uma publicação que se ocupasse não só da literatura como da arte em geral. Além da ficção, poesia e ensaio literário, o cardápio do jornal abria-se ao cinema, o teatro, às artes plásticas*'.

“Mas Murilo fez mais do que misturar gerações: ‘quis uma publicação que se ocupasse não só da literatura como da arte em geral.

Além da ficção, poesia e ensaio literário, o cardápio do jornal abria-se ao cinema, o teatro, às artes plásticas.”

Werneck encerra a coluna lembrando que a ousadia do *Suplemento* nem sempre era bem compreendida, em especial no interior de Minas, para onde o jornal era enviado: '*Minas era onde o SLMG fazia menos sucesso. Cortázar lia em Paris a publicação que em Belo Horizonte era ignorada pela pequenez liliputiana de escribas provincianos*'.

Uma ilha de renovação

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Jornalista, escritor, Secretário de Cultura de MG

E ditar o *Suplemento Literário* foi uma experiência que marcou a minha vida. Abriu-me o campo da cultura, dentro e fora do país, pelo alcance da publicação e o respeito que a envolveu. Cada número era uma conquista, um avanço, em tempo de repressão. Trabalhando com os novos, conheci Drummond, Nava e Murilo Mendes. O *Suplemento* conseguia ir sempre à frente, pelo que se tornou uma referência singular, uma ilha na qual se encontravam os que tinham compromisso com a renovação literária, para além das limitações da hora.

Fui o quarto editor do *Suplemento*, de 1971 a 73, depois de Murilo Rubião, Rui Mourão e Ildeu Brandão. Quebrei a rima, mas viabilizei a solução. Murilo tinha deixado a direção do caderno por ele criado em 1966 para assumir um cargo diretivo na Imprensa Oficial, a convite de Paulo Campos Guimarães. Era também um modo de ele proteger sua criatura. Rui Mourão havia sido afastado por imposição do general Dióscoro do Vale, comandante da Região Militar, que o considerou um "subversivo", já que foi signatário do

manifesto contra a invasão da Universidade de Brasília, na qual lecionou. Ildeu Brandão disse que só cumpriria uma interinidade.

O nome era o do escritor e jornalista Humberto Werneck, mas o convite irresistível vindo da redação do "*Jornal da Tarde*" o levou para São Paulo. Uma reunião entre Murilo e Paulo Campos sacramentou o meu nome, sugerido por Afonso Ávila, Laís Correia de Araújo e Aires da Mata Machado.

Além da pressão política decorrente do regime autoritário, havia as pressões da parte dos que não tinham suas produções publicadas. Não queremos um *Suplemento* "literato", dizíamos todos os autores novos que se reuniam na redação e davam sustentação à linha editorial. Paulo Campos Guimarães chegou a destinar uma página do "*Minas Gerais*" para acolher os rejeitados do *Suplemento*, enchendo-a de artigos pesados, anacrônicos, exatamente ao contrário da exuberância inovadora do semanário.

O *Suplemento* deixou de ser do "*Minas Gerais*" para se tornar de Minas Gerais. Está ligado à Secretaria de Estado de Cultura, que lhe garante plenas condições de liberdade editorial. Está aí a razão do êxito de meio século de trabalho em favor da literatura, da poesia e da cultura, sem os condicionamentos que geralmente asfixiam esse tipo de publicação.

“O Suplemento deixou de ser do “Minas Gerais” para se tornar de Minas Gerais. Está ligado à Secretaria de Estado de Cultura, que lhe garante plenas condições de liberdade editorial.”

Um acontecimento extraordinário

Jaime Prado Gouveia

Escritor, editor do SL desde 2009

Eu já tinha uns contos premiados quando fui convidado por Murilo Rubião para trabalhar no SLMG, em 1969. No ano seguinte, estreei em livro, com o volume de contos *"Areia tornando em pedra"* (1970), editado pela mesma Imprensa Oficial que abrigava o *Suplemento*.

O Murilo Rubião foi o criador e a alma do SLMG. Foi ao redor dele que minha geração se desenvolveu através da convivência criativa na redação e do intercâmbio com os escritores mais velhos. Como o jornal nasceu durante a ditadura, o Murilo servia também de defesa contra a censura e tudo mais que pudesse interferir no nosso trabalho. Ele só se desligou do jornal, fisicamente (pois nunca deixou de nos acompanhar e aconselhar), quando viu que o SL já podia caminhar sozinho. Posso afirmar que até hoje sua marca pode ser sentida. A obra é dele.

Um jornal literário, como o SL, que sobrevive há meio século no Brasil é um acontecimento extraordinário. O SL teve fases distintas em termos de qualidade e de importância, entre as quais eu destacaria os períodos entre sua criação, em 1966, e 1975, quando problemas internos e pressões externas forçaram a saída do então editor Wander Piroli, e entre 1983 a 1987, período que coincidiu com a gestão do Murilo como diretor da Imprensa Oficial. Depois disso, o jornal entrou numa fase decadente que perdurou até ser transferido da Imprensa Oficial para a Secretaria de Estado da Cultura, no final de 1994. Nesses cinquenta anos, passaram pela redação do Suplemento algumas gerações de escritores, começando com a turma que foi chamada de Geração Suplemento — da qual, honrosamente, faço parte —, composta por então jovens como Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Henry Corrêa de Araújo, Carlos Roberto Pellegrino, Adão Ventura, João Paulo Gonçalves, Márcio Sampaio, Valdimir Diniz, Sérgio Sant'Anna, Luiz Vilela, Duílio Gomes, Lucienne Samôr e outros, passando depois por nova fornada que nos deu Antônio Barreto, Paulinho Assunção, Ronald Claver, Carlos Herculano Lopes, Jeter Neves, Branca Maria de Paula e Luís Giffoni até a mais recente, a de Fabrício Marques, Ricardo Aleixo, Marcílio França Castro, Sérgio Fantini e uma turma nova que vem despontando, se preparando para levar nossa literatura adiante, e que, espero mantenha o Suplemento vivo por muitos anos ainda.

Mas nem só escritores se apoiaram na publicação. Várias gerações de artistas plásticos, funcionando como ilustradores, fizeram seus primeiros traços no SL. Já na primeira página do primeiro número veio estampado um desenho de Álvaro Apocalypse, a que se seguiram trabalhos de Chanina, Jarbas Juarez, José Alberto Nemer, Liliane Dardot, Eliana Rangel e Carlos Wolney — hoje conselheiro e editor de ilustrações — e diversos artistas hoje consagrados, a que se seguiram Marcos Coelho Benjamin, Humberto Guimarães, Sérgio Nunes e muitos outros. Por fim, cabe assinalar as edições de números especiais, que homenagearam nossas grandes figuras das artes.

“Ele só se desligou do jornal, fisicamente (pois nunca deixou de nos acompanhar e aconselhar), quando viu que o SL já podia caminhar sozinho. Posso afirmar que até hoje sua marca pode ser sentida. A obra é dele.”

Eclipse

Fernando Armando Ribeiro
Juiz do TjMMG

E clipsados ficaram a pressa, o barulho e o medo
A cidade parou para olhar o céu
E viu a lua banhada
De Terra

De sol
De nós
Ali refletidos mesmo sem notar

Percebemos, um pouco
A imensidão que nos circunda
A infinitude do espaço
A magnitude da luz

Livres, por um instante, das prisões de nossa rotina
Do queixume e da arrogância
Sentimos que somos poeira estelar

A sombra sobre a lua iluminou nossas faces
Elevou-nos de nossas certezas
Mostrou que o céu
É também nosso lugar



Porque tudo tem seu fim

Renato César Jardim

Juiz de Direito em Belo Horizonte

O transbordante limite do tédio
O homem que pula do prédio
Porque tudo tem seu fim.

O encanto da mulher bonita
Que vai no tempo que habita
Porque tudo tem seu fim.

A luz do sol que ilumina
Tem querosene na lamparina
Porque tudo tem seu fim.

A rigidez do diamante
Será pó no adiante.
Porque tudo tem seu fim.

Esse império que domina
Traz inexorável sina.
Porque tudo tem seu fim.

A mulher que se queria
No pós-gozo entedia.
Porque tudo tem seu fim.

Não se deseja a morte
No mal de ressaca forte.
Porque tudo tem seu fim.

A jura de amor eterno
vai no convívio inferno.
Porque tudo tem seu fim.

A ânsia do financiamento
Será aflição de momento.
Porque tudo tem seu fim.

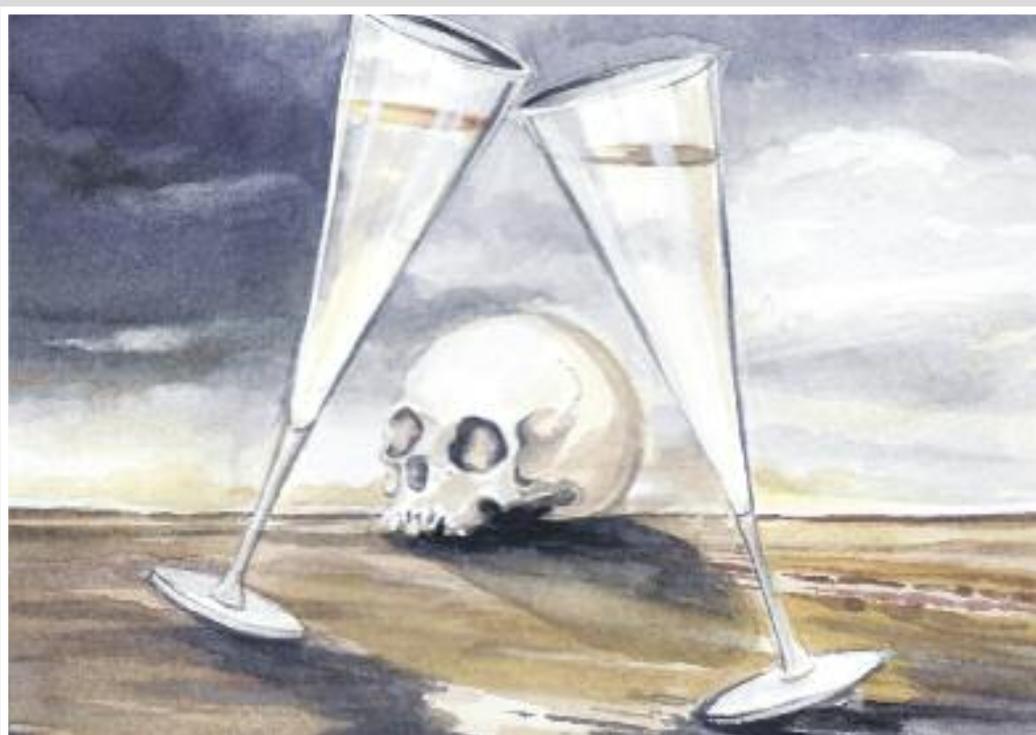
É perpétuo o jazigo de morte
Enquanto a família tem sorte.
Porque tudo tem seu fim.

Na assertiva me permito:
Não há universo infinito.
Por que tudo tem seu fim.

E tudo que tem início
Chega um dia ao precipício.
Porque tudo tem seu fim.

Brindemos portanto à vida
Nessa viagem de ida.
Porque tudo tem seu fim.

E se Deus é tudo
Por aqui fico mudo.
- Fim -



Réquiem para o Rio Doce

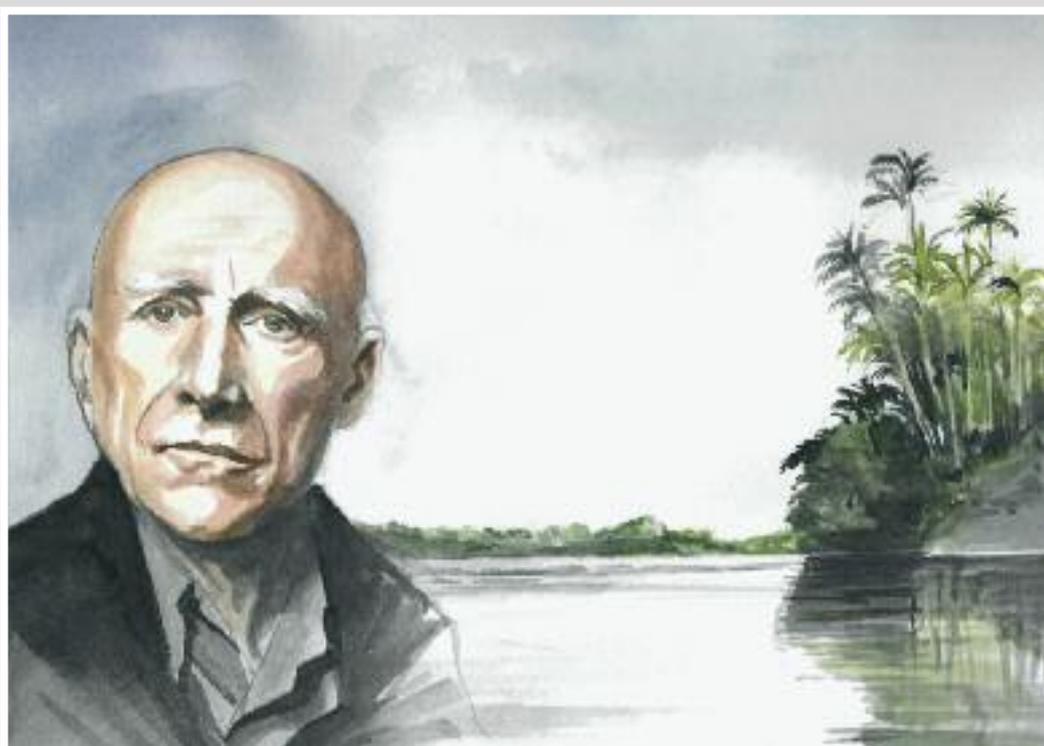
Llewellyn Medina

Desembargador do TjMG, aposentado

Lembra o tempo em que tuas margens eram enfeitadas por ninfas, druidas e tágides?
 o tempo em que saciavas aqueles mágicos de então e em que ad riven eunden lupus et agnus venerant siti compulsi?
 e em que outros entes mágicos enfeitiçaram-se diante de ti? lembra que teu nome – Doce - veio de Narciso na vez primeira em que sua silhueta bela encantou-o e ligou sua beleza aos encantos que teu espelho d'água refletia?
 lembra o tempo – ó Rio Doce – em que seres gerados dos deuses
 tupis, tupinambás, tapuias
 ferozmente enfeitiçados por tua doçura por tua tepidez por tua pureza
 flechavam e hostilmente lutavam para que continuasses a espargir teu néctar embora já pressentissem que era uma luta vã? flechavam aquele inimigo gentio - eu, dentre eles - e que viemos para instilar peçonha em tuas artérias imaculadas?
 onde estás Rio Doce de antes qual será tua sorte, afinal?

o que é feito de tua descendência o que foi feito de tuas ninfas e druidas e tágides quem será o inventariante de tua desdita senão aquele Sebastião que nasceu de tuas antigas águas e que deu-se a si mesmo o apelido de Salgado? pois conhecia desde sempre a natureza desses que te maculam
 antevia que teus últimos dias apontavam desde tua nascente como se ao nascer já estivesse condenado?

Ó, Doce Rio, nós que roubamos de ti toda a candura estamos certos de que teu fim é certo mas tudo o de que dispomos são estes lamentos tardios e que não podem purificar tuas veias Adônis Rio Doce choramos por ti esse choro inútil e arrependido pois não haverá lágrimas que possam purificar o irreparável dano e que te condenamos a essa morte vã.



Três poemas

João Quintino Silva

Desembargador do TJMG, aposentado

I mortalidade

A noite veste luto
 No corpo frio da natureza.
 Dorme a paz no leito escuro de tudo!
 Cochilam os astros
 Na vigília do tempo...
 Morre o tempo na fração de agora...
 Morre a saudade,
 Embora renasça...
 Morre a vida...
 Morre o silêncio...
 Só não morrem a crença, a esperança e Deus!

A chuva passeia...

A chuva passeia nos campos tão verdes,
 Branquinha, branquinha
 Qual noiva em seu véu...
 A chuva menina,
 A chuva miúda,
 A chuva criança,
 Atenta ao brinquedo
 Nas folhas da mata,
 - Que a chuva tem dedos,
 - Que a chuva tem alma!

J ardum celeste

No jardim da meia-noite,
 Formam corolas abertas
 As estrelas reluzentes,
 Aos meus olhos de poeta.

Estão sorrindo, embaladas
 Pelas carícias do vento
 Que brinca, vadiamente,
 Nos campos do firmamento.

E, na minha estrofação,
 Eu consagro, com calor:
 Estrelas - flores do céu!
 Olhos - colibris do amor!



Ponta d'areia

Luís Carlos Gambogi
Desembargador do TJMG

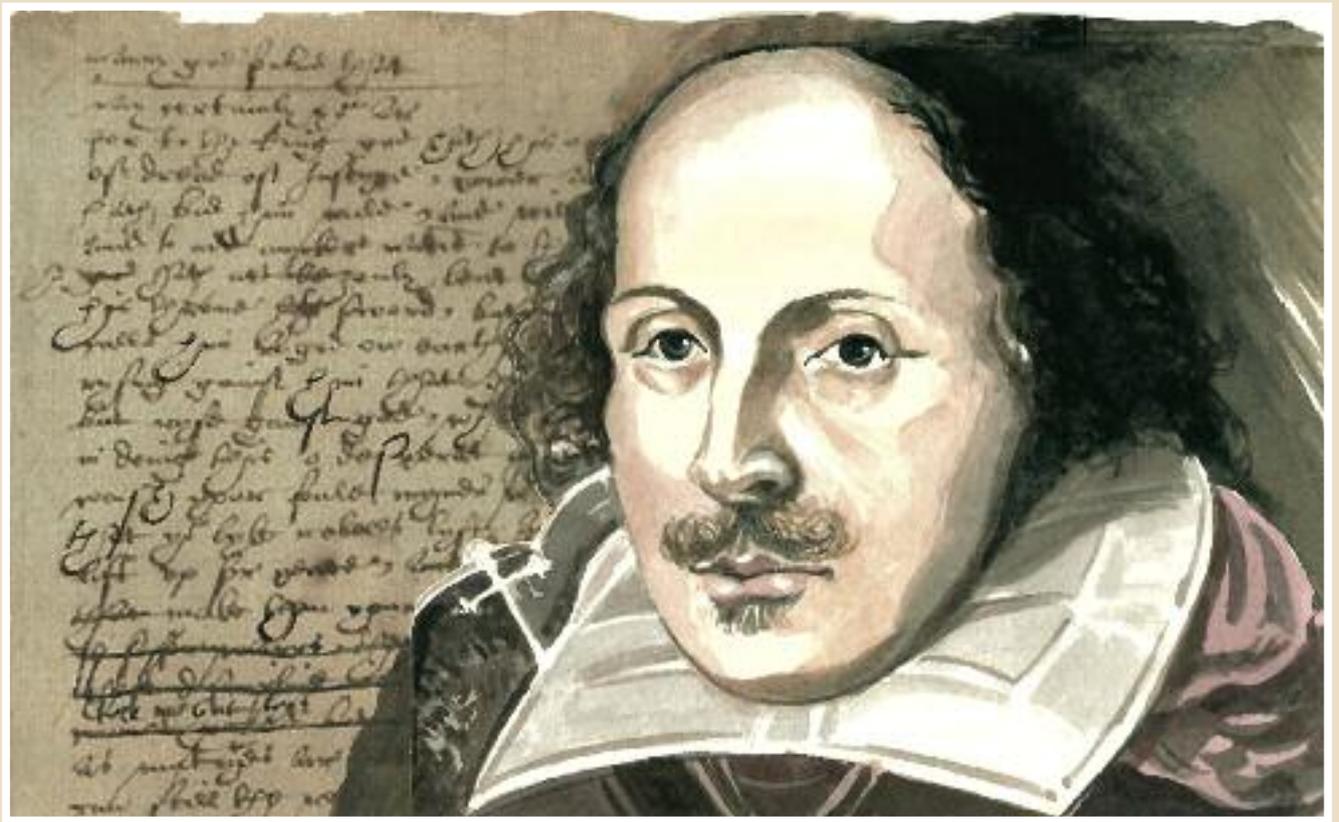
Quero que te quero de maré baixa,
Quero que te quero de maré cheia,
Quero que te quero de maré alta,
Quero que te quero ponta d'areia.

Quero que te quero me beijando
Na lua nova e na lua cheia,
Quero que te quero me amando,
Teu corpo eu quero ponta d'areia.

Tuas águas, se não me beijam,
Ferem os céus ponta d'areia;
Eu, por não poder hoje te amar,
Floresço flores de ferro, ponta d'areia.

Um dia, tu hás de ser minha, ponta d'areia!
Conhecerás, então, o ponteio do mineiro arrais,
E, terás, para sempre, sempre e sempre,
Pra teu gozo, o minério de Minas Gerais.





O legado de Shakespeare

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TjMG

Em 2016, celebramos os quatrocentos anos da morte de dois grandes vultos da literatura universal: o espanhol Miguel de Cervantes Saavedra e o inglês William Shakespeare. Ambos teriam falecido em 23 de abril, o que levou a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a escolher a data para celebrar o Dia Internacional do Livro e do Direito Autoral.

Há evidências, no entanto, de que Cervantes morreu em 22 de abril e Shakespeare em 3 de maio, no mesmo ano de 1616:

“A coincidência é, portanto, falsa, mas talvez guarde aquela verdade íntima própria da arte de ficção, na qual os dois escritores foram mestres. [...] Eis Shakespeare, que devassou a consciência humana em peças como Hamlet e Rei Lear, e eis Cervantes, que prospectou o abismo entre nossas idealizações e a realidade por meio da loucura de seu popular herói Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura: por que não inventar uma data única para homenageá-los?” (Revista Veja, 27.04.2016)

Neste artigo, abordarei sucintamente a vida e parte da grandiosa obra do genial Shakespeare.

Uma biografia cheia de lendas

O poeta e dramaturgo William Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon, Inglaterra, em 23 de abril de 1564. É considerado o maior escritor da língua inglesa. Suas peças foram traduzidas para vários idiomas e são até hoje as mais encenadas no teatro, cinema e televisão em todo o mundo. Incontáveis estudos literários enfocam a vasta obra shakespeariana.

No período de 1585 a 1592, em Londres, Shakespeare manteve carreira de sucesso como ator e escritor. Foi um dos proprietários da companhia de teatro *“The Lord Chamberlain’s Men”*, na capital inglesa.

Aos 18 anos, o escritor se casou com Anne Hathaway. Tiveram três filhos: Susanna e os gêmeos Hamnet e Judith. Teria retornado a Stratford-upon-Avon em 1613, aonde faleceu três anos depois.

Sua biografia é sustentada por parca documentação e nunca ficou plenamente consolidada.

Jennifer Schuessler, editora do jornal *“The New York Times”*, aliás, discorreu assim sobre as lendas referentes ao poeta inglês:

“A biografia de Shakespeare há muito gira em torno de uma série de mistérios fascinantes: ele era protestante ou secretamente católico? Gay ou hétero? Amava sua mulher ou era frio e desdenhoso com relação a ela?”

“Que o homem não tenha deixado cartas ou um depoimento autobiográfico em nada ajuda a dirimir essas dúvidas, e garante que os relatos de sua vida tenham frequentemente dependido de

“A biografia de Shakespeare há muito gira em torno de uma série de mistérios fascinantes: ele era protestante ou secretamente católico? Gay ou hétero? Amava sua mulher ou era frio e desdenhoso com relação a ela?”

‘meio centavo de fatos e quantidade intolerável de suposições’, como certa vez lamentou o estudioso C. W. Scott-Giles.

“Apenas alguns poucos materiais novos relativos a Shakespeare, em sua era, emergiram nos últimos 100 anos.” (Folha de S. Paulo, 05.07.2016).

O mais controverso mito sustenta que o famoso bardo jamais existiu:

“Apesar das incontestáveis evidências, alguns alimentam a hipótese que Shakespeare nunca existiu ou que ele não foi o autor

Humanismo e Renascimento

A história da nossa civilização começou com os gregos.

Do mesmo modo, o humanismo ocidental começou a se formar com o advento da cultura grega. Não há movimento humanista – inclusive o humanismo cristão – que, de uma forma ou de outra, não deite suas raízes no pensamento grego. Protágoras, que viveu na Grécia no século V a. C., assinalou: “*O homem é a medida de todas as coisas.*” (NOGARE, 1981, p. 25-31)

No campo literário, o período renascentista é identificado com a revalorização do homem. O termo “Renascimento” foi criado por Giorgio Vasari (1511-1574), pintor e escritor italiano. É tradicionalmente empregado para designar, a partir do século XV, o ressurgimento da literatura e das artes por força da redescoberta de obras e autores da Antiguidade.

Caracterizava uma volta ao passado, especialmente à cultura greco-latina, fonte por excelência do pensamento e da arte. O movimento foi impulsionado pelo entusiasmo de personalidades conhecidas como “humanistas”.

Historiadores modernos ampliaram essas concepções e atribuíram à expressão “Renascimento” uma verdadeira ruptura com a religiosidade medieval, por eles considerada retrógrada. Implica a redescoberta do homem. O teocentrismo da Idade Média cedeu lugar ao antropocentrismo. Reabilitou-se o paganismo, em função de uma “*revelação do homem e do mundo.*” (AZEVEDO, 1990, p. 337)

O Renascimento se expandiu lentamente pela Europa. Moveu-se da Itália, seu berço, para a França, Inglaterra, Espanha e Alemanha.

As obras de Edmundo Spenser (1552-1599) e Shakespeare contribuíram para firmar o idioma inglês moderno, tal como atualmente se pratica nas ilhas britânicas (DOREN, 2009, p. 243).

das peças, inventando candidatos para substituí-lo. Os nomes mais absurdos da lista vão desde a rainha Elizabeth I até Daniel Defoe. Mais recentemente, os substitutos seriam Francis Bacon, Christopher Marlowe, o conde de Oxford e o conde de Essex.

“Esse fenômeno, conhecido como anti-stratfordiano, emergiu no final do século XVIII e aumentou no século seguinte com um certo esnobismo vitoriano que revela a descrença de que um ator de classe média e que não frequentou a universidade possa ter sido o maior poeta inglês.” (SMITH, 2008, p. 20).

Finalmente, existem imputações de plágio à obra shakespeariana. Para o professor Manuel Ángel Conejero, presidente da “Fundación Shakespeare de España”, Shakespeare plagiou Petrarca, Montaigne, Santa Teresa de Jesus ou São João da Cruz:

“En La tempestad hay fragmentos enteros copiados de Montaigne, que era aburridísimo, pero sus textos, puestos en los personajes del romance de Shakespeare, son sobrecojedores.” (TORRES, El país, 26.01.1995).

A era de Elizabeth I

Shakespeare nasceu, cresceu e iniciou sua carreira no reinado de Elizabeth I (1533-1603). Foi uma época de expansão comercial e militar da Inglaterra, marcada pela vitória naval sobre a Armada Espanhola, em 1588 (TEIXEIRA, 2016).

Elizabeth I era conhecida como “*A Rainha Virgem.*” Seu reinado é considerado a “*Era de Ouro*” inglesa (FARIA, 2016). Período vitorioso, romântico, de tolerância e bom humor, assinalado ainda pelo advento de Shakespeare e do Renascimento inglês. Unificaram-se diversos dialetos locais em uma única língua nacional (JENKINS, 2012, p. 121).

A dinastia Tudor acabou com Elizabeth, que nunca se casou. Ela foi sucedida pelo filho da inimiga Mary Stuart, o escocês James I. O novo monarca manteve a proteção à companhia teatral de Shakespeare (TEIXEIRA, 2016).

Artista múltiplo

“A obra de Shakespeare é extraordinária porque ele reuniu dois notáveis talentos em um só: o do dramaturgo e o do poeta. A sua permanente atualidade através de tempos e lugares diversos adviria do fato de ele ser dotado de ‘miríades de mentes’ como disse o poeta e crítico Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), o que lhe permitia pintar perfis de várias personagens psicologicamente críveis, e ver sempre os dois ou mais lados de uma mesma questão.” (LEÃO e SANTOS, 2008, introdução).

“Suas peças teatrais são a mais perfeita imitação da vida

humana, que nenhum outro autor jamais alcançou." (DOREN, 2009, p. 243)

A crítica teatral Barbara Heliodora, grande estudiosa da obra do poeta e dramaturgo inglês no Brasil, lembrava que, na época de Shakespeare, o teatro era muito popular e frequentado por todas as classes:

"Se a entrada geral era um penny, quem quisesse sentar-se nas arquibancadas pagava mais um, enquanto pelos poucos camarotes ou por um banquinho no próprio palco pagava-se ainda mais. [...]"

"Na verdade, o teatro vivia um momento privilegiado: não havia museus, não havia concertos, não havia jornais ou revistas, e o teatro era a caixa mágica onde se podiam ouvir histórias sobre aventuras, descobertas, lugares remotos, que atendiam a uma sede intensa de informações de toda natureza. Com cerca de cinquenta por cento da população de Londres ainda analfabeta e os livros ainda muito caros, isso era mais um motivo para que o teatro atraísse o público. Um aspecto interessante disso é o fato de muita gente esperar do que via no palco informação real e concreta dos acontecimentos, como se pode perceber pelo número de peças daquele período cujos títulos começam por A verdadeira história de..."

"Pelos mais variados motivos, os teatros londrinos do tempo de Shakespeare eram fontes de alegria, de festa, de informação, trazendo a uma parcela muito grande da população uma experiência cultural e artística incontestável: a sonoridade dos versos, a exaltação das paixões e as crises retratadas eram enriquecedoras em si e propiciavam acontecimentos sociais igualmente preciosos para o aprimoramento do grupo social." (HELIODORA, 2008, 78-79)

Shakespeare e o Direito

A dramaturgia shakespeariana se relaciona intensamente com o Direito. Literatura e Direito, aliás, muito dialogam.

O grande jurista uruguaio Eduardo Couture dizia: o advogado que só sabe Direito, nem Direito sabe. Nas obras de Couture fluem citações de autores como Cervantes, Dante Alighieri, Anatole France e outros. As metáforas e comparações, estruturadas às vezes em elementos de contos e novelas, agregam lúcida beleza às suas manifestações jurídicas. (CORTAZAR, 1964)

Igualmente, juízes necessitam acumular vasta cultura geral, além do conhecimento das leis e da doutrina jurídica. Essa sede de saber propicia a elaboração de decisões mais justas. (GARCIA DE LIMA, Amagis Jurídica, nº 10, 2014)

Logo, "o magistrado é um intelectual" (BITTENCOURT, 1982, p. 24).

As principais peças

A dramaturgia shakespeariana se compõe de mais de trinta obras. Nas limitações deste pequeno ensaio, apresentarei, resumidamente, seis delas: "Hamlet", "Macbeth", "Rei Lear", "Otelo", "Romeu e Julieta" e "O Mercador de Veneza".

Hamlet

É a mais longa peça teatral de Shakespeare. A trama se desenrola na Dinamarca. O príncipe Hamlet busca vingar a morte de seu pai, o rei Hamlet. Ele foi envenenado pelo irmão Cláudio, que assumiu o trono e se casou com a rainha viúva, Gertrudes.

Macbeth

É a mais curta das tragédias escritas por Shakespeare. Macbeth é general do exército escocês. Tem a estima do rei Duncan, por ser guerreiro valente e leal. Certa feita, três bruxas vaticinaram a Macbeth que ele seria rei. Ele se impressionou com a previsão e a comentou com a esposa, a vilã Lady Macbeth. Ambiciosa, a esposa leva o marido a trair o rei.

Rei Lear

Cansado de reinar, o rei Lear resolveu dividir o reino entre as três filhas. Para fazer a partilha, propôs que as filhas entoassem cantigas em que expressariam o amor ao pai. As filhas mais velhas, Goneril e Regan, cantaram melosamente declarações apaixonadas. A caçula Cordélia não se expressou bem, despertou a ira do pai e foi deserdada. Posteriormente, Goneril e Regan renegaram o pai. Cordélia, a desfavorecida, cuidou dele.

Otelo

Otelo é um militar mouro a serviço do rei de Veneza. É casado com a bela Desdêmona. Seu rival, o invejoso Iago, arquitetou intrigas que levaram o enciumado Otelo a matar injustamente Desdêmona.

Romeu e Julieta

A história se passa em Verona, onde vivem as famílias rivais Montecchio e Capuleto. Romeu, da família Montecchio, e Julieta, da família Capuleto, apaixonaram-se perdidamente. A rivalidade familiar levará essa relação amorosa a um trágico e fatal desfecho.

O Mercador de Veneza

O enredo desta peça se passa em Veneza, no século XVI. Bassânio pede empréstimo de vultosa quantia ao amigo Antônio, a fim de conquistar Pórcia, por quem se apaixonara. Antônio é um rico comerciante, mas naquele momento sua fortuna estava empregada em empreendimentos fora de Veneza. Pede, então, o valor emprestado ao judeu Shylock, que exige uma garantia leonina: se o empréstimo não for pago em três meses, Antônio pagará com um pedaço de sua própria carne. Os navios de Antônio naufragaram, quando regressavam a Veneza. O caso vai a julgamento no tribunal. Disfarçada de advogado, Pórcia usa de grande astúcia para convencer o juiz a dar ganho de causa a Antônio e arruinar Shylock. As leis de Veneza proíbem que um judeu derrame o sangue de um cristão. Não há como tirar um naco de carne do corpo de Antônio sem derramar sangue.

Citações antológicas

Os textos de Shakespeare são inesgotável fonte de belos versos e frases, dos quais selecionei alguns, agrupados aqui pelas obras.

Otelo

Na luta, mais vale espada velha do que mão desarmada.

Macbeth

A minha lealdade é a melhor recompensa de si mesma.

Hamlet

Tu bem o sabes, é destino comum a todos; o que vive deve morrer, passando da natureza à eternidade.

Fragilidade, tu tens nome de mulher!

No céu e na terra há mais coisas do que aquelas com que pode sonhar a nossa vã filosofia.

A brevidade é a alma do talento, e nada há mais enfadonho do que o rodeio e as perifrases...

Ser ou não ser, eis a questão. (...) Morrer é dormir, sonhar, talvez.

Neste mundo apodrecido acontece com frequência que a mão delinquente, espalhando ouro, afasta a justiça e corrompe com dádivas a integridade das leis.

O verme é o monarca supremo de todos os comedores. Nós engordamos os outros animais para engordarmos, e engordamo-nos para os vermes que depois nos comem. O rei gordo e o mendigo magro são dois pratos diferentes, mas servidos à mesma mesa.

Romeu e Julieta

Compreendi a distância que há entre o sonho e a realidade.

O verdadeiro amor é mais pródigo de obras que de palavras, mais rico na essência que na forma.

Rei Lear

Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente.

Tu não devias ter ficado velho antes de ter ficado sábio.

A juíza e professora argentina Alicia Ruiz assinalou que, ao ler obras de Shakespeare, a primeira impressão foi de que o autor não se preocupava muito com a justiça e o direito. E não tinha uma opinião muito boa acerca dos advogados e juízes:

“Tranio, em *A megera domada*: ‘Como advogados procedamos nisso, os quais embora com calor discutam, depois comem e bebem como amigos’.

“Hamlet, em *Hamlet*, o príncipe da Dinamarca: ‘Mais um! Talvez o crânio de um advogado! Onde foram parar os seus sofismas, suas cavilações, seus mandatos e chicanas? Por que permite agora que um patife estúpido lhe arrebente a caveira com essa pá imunda e não o denuncia por lesões corporais?’ (RUIZ, 2015, p. 152)

André Karam Trindade registra o interesse de estudiosos do Direito pela peça *O Mercador de Veneza*:

“Muitos foram os juristas que se dedicaram ao estudo do direito a partir desta importante peça de Shakespeare, havendo centenas de publicações a seu respeito na área do direito, especialmente nos Estados Unidos.

“No século XIX, na clássica obra *A luta pelo direito*, Rudolf Von Ihering critica a injustiça praticada contra Shylock. O polêmico prefácio resultou numa longa discussão que prosseguiu por anos nas edições posteriores. Da mesma forma, porém, no século passado, Túlio Ascarelli também analisou a peça de Shakespeare, comparando o sacrifício de Antígona com a sutileza de Pórcia. Mais recentemente, Richard Posner explorou a peça ao confrontar a noção Aristotélica de equidade com a lei, sustentando que a evolução do sistema jurídico depende do quanto ele se mostra maleável na aplicação do direito” (TRINDADE, 2015, p. 175, negrito no original).

Patrimônio da humanidade

O professor James Shapiro, da Universidade de Columbia, é estudioso de Shakespeare. Destaca sua visão profunda da ambição, ciúme, racismo, nacionalismo, desejo, amor e ódio:

“Passados quatro séculos, essa visão ainda ressoa com poder e verdade entre leitores e espectadores.”

Insuperável criador de caracteres humanos eternos, todos os personagens criados por Shakespeare pertencem ao patrimônio comum da humanidade. (FARIAS, 1947, p. 150)

Notas Bibliográficas

- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BITTENCOURT, Edgard de Moura. *O juiz*. São Paulo: Leud, 1982.
- CORTAZAR, Antonio Pedrals G. de. *Couture y la literatura*. Valparaiso, Chile: Prensa de la Escuela de Derecho de Valparaiso, 1964.
- DOREN, Charles Van. *Breve historia del saber – La cultura al alcance de todos*. Barcelona: Editorial Planeta, trad. Claudia Casanova, 2009.
- Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: *Encyclopaedia Britannica Editores Ltda.*, vol. 12, 1969, p. 429-431, verbete SHAKESPEARE, William.
- Entrevista com James Shapiro, professor da Universidade de Columbia e estudioso de Shakespeare. São Paulo: *Revista Veja*, Editora Abril, edição nº 2.475, 27.04.2016.
- Especial 400 Anos – Os inventores do mundo. São Paulo: *Revista Veja*, Editora Abril, edição nº 2.475, 27.04.2016, p. 84-85.
- FARIA, Caroline. *Rainha Elizabeth I*. Disponível em <http://www.infoescola.com/biografias/rainha-elizabeth-i/>, acesso em 03.06.2016.
- FARIAS, Javier. *Literatura Universal*. Buenos Aires: Editorial Atlantida, 1947.
- GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros. *Literatura e Direito*. Belo Horizonte: *Revista Amagis Jurídica*, Associação dos Magistrados Mineiros, nº 10, janeiro-junho 2014, pp. 85-103.
- HELIODORA, Barbara. *Os teatros no tempo de Shakespeare*, in LEÃO, Liana de Camargo e SANTOS, Marlene Soares dos (orgs.). *Shakespeare, sua época e sua obra*. Curitiba-PR: Editora Beatrice, 2008, p. 65-79.
- JENKINS, Simon. *A short history of England*. London: Profile Books, 2012.
- LEÃO, Liana de Camargo e SANTOS, Marlene Soares dos (orgs.). *Shakespeare, sua época e sua obra*. Curitiba-PR: Editora Beatrice, 2008.

“Passados quatro séculos, essa visão ainda ressoa com poder e verdade entre leitores e espectadores.”

- NOGARE, Pedro Dalle. Humanismos e Anti-Humanismos: Introdução à Antropologia Filosófica. Petrópolis: Vozes, 6ª ed., 1981.
- Portal Uol Educação, biografia de William Shakespeare, disponível em <http://educacao.uol.com.br/biografias/william-shakespeare.jhtm>, acesso em 02.08.2016.
- RUIZ, Alicia E. C. *O juiz Hamlet*, trad. André Karam Trindade, in • STRECK, Lenio Luiz e TRINDADE, André Karam (organizadores). *Os modelos de juiz: ensaios de direito e literatura*. São Paulo: Atlas, 2015.
- SCHUESSLER, Jennifer. Pesquisa americana mostra Shakespeare como 'alpinista social', jornal *Folha de S. Paulo*, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1788667-pesquisa-americana-mostra-shakespeare-como-alpinista-social.shtml>, acesso em 05.07.2016, tradução de Paulo Migliacci.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, sem referência ao tradutor, 1980.
- _____. *Macbeth*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, sem referência ao tradutor, 1979.
- _____. *O mercador de Veneza*. Porto Alegre, L&PM, trad. Beatriz Viégas-Faria, 2007.
- _____. *Otelo*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, sem referência ao tradutor, 1979.
- _____. *Rei Lear*. Porto Alegre: L&PM, trad. Millôr Fernandes, 2002.
- _____. *Romeu e Julieta*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, sem referência ao tradutor, 1980.
- SMITH, Cristiane Busato. A vida de William Shakespeare, in LEÃO, Liana de Camargo e SANTOS, Marlene Soares dos (orgs.). *Shakespeare, sua época e sua obra*. Curitiba-PR: Editora Beatrice, 2008, p. 19-34.
- STRECK, Lenio Luiz e TRINDADE, André Karam (organizadores). *Os modelos de juiz: ensaios de direito e literatura*. São Paulo: Atlas, 2015.
- TEIXEIRA, Jerônimo. Um explorador da alma. São Paulo: *Revista Veja*, Editora Abril, edição nº 2.475, 27.04.2016, p. 86-90.
- TRINDADE, André Karam, Entre pequenas injustiças e grandes justiças: O Mercador de Veneza e a representação do juiz, in STRECK, Lenio Luiz e TRINDADE, André Karam (organizadores). *Os modelos de juiz: ensaios de direito e literatura*. São Paulo: Atlas, 2015, p. 163-185.
- TORRES, Rosana. El profesor Conejero dice que Shakespeare plagió y escribió obras deleznales, jornal *El País*, Madri, edição de 26.01.1995, suplemento Cultura.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológicos.

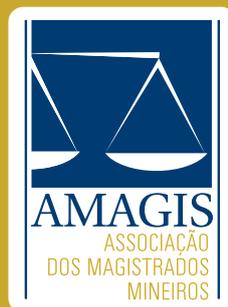
A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro
Belo Horizonte . MG
CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3453
magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br



Apoio Cultural



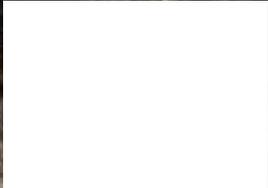
CBMM

Apoio Cultural



CEMIG

A Melhor Energia do Brasil.



ISSN 1984508-1



9 771984 508004